

NOTAS SOBRE O ANTICLERICALISMO GAÚCHO ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO
JORNAL LÚCIFERNOTES ON GAÚCHO ANTI-CLERICALISM THROUGH THE PAGES OF THE LÚCIFER
NEWSPAPER

DOI 10.5281/zenodo.10584592

Caroline Poletto¹

Resumo: O presente artigo pretende apresentar o gracioso jornal anticlerical *Lúcifer*, que circulou pelas ruas da cidade brasileira de Porto Alegre entre os anos de 1907 e 1911, totalizando nove exemplares ao longo dos seus quase quatro anos de existência e estampando em suas páginas inúmeras críticas à igreja católica e ao domínio e influência religiosa na vida pública e no cotidiano dos gaúchos. Para efetuar tais críticas, o jornal se expressava principalmente através da utilização de diversas imagens satíricas, chistes, poesias e pequenos contos cujo intuito principal era ridicularizar e denunciar as figuras eclesiásticas e a instituição religiosa em si, utilizando estereótipos facilmente verificáveis, bem como o emprego constante da ironia, do antagonismo, do exagero, do humor e da dramaticidade. Também é pretensão deste artigo desbravar parte do universo e imaginário anticlerical presente no jornal *Lúcifer* e, conseqüentemente, na cidade de Porto Alegre em princípios do século XX, anticlericalismo este que apresentava relações de simpatia e proximidade ao anarquismo e que carece de estudos no âmbito da historiografia tanto nacional quanto regional, uma vez que o anticlericalismo é, usualmente, tratado como um tema secundário, um tema menor, inclusive no âmbito de estudos centrados no movimento operário e na cultura de esquerda. Um olhar mais direcionado e atento ao jornal *Lúcifer* talvez consiga iniciar uma ruptura nos estudos do anticlericalismo nacional, tratando esse movimento com a profundidade merecida.

Palavras-chave: Jornal *Lúcifer*. Anticlericalismo. Imaginário anticlerical.

Abstract: This article aims to introduce the satirical anti-clerical newspaper *Lúcifer*, which circulated in the streets of the Brazilian city of Porto Alegre between 1907 and 1911, totaling nine issues over its nearly four years of existence. The newspaper prominently featured numerous criticisms of the Catholic Church and the dominance of religious influence in the public life and everyday experiences of the people of Rio Grande do Sul. To convey these criticisms, the newspaper primarily employed various satirical images, jokes, poems, and short stories with the main purpose of ridiculing and denouncing ecclesiastical figures and the religious institution itself, utilizing easily identifiable stereotypes. The constant use of irony, antagonism, exaggeration, humor, and dramatic elements were also prevalent in their expressions. This article also aims to explore the anti-clerical universe and imagery present in the *Lúcifer* newspaper and, consequently, in the city of Porto Alegre in the early 20th century. This form of anti-clericalism exhibited sympathies and connections to anarchism, an aspect that lacks comprehensive study in both national and regional historiography. Typically relegated to a secondary or minor theme, even within studies focused on the labor movement and left-wing culture, anti-clericalism deserves a more focused examination. A closer and more attentive examination of the "*Lúcifer*" newspaper may initiate a rupture in the study of national anti-clericalism, providing it with the in-depth analysis it deserves.

¹ Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e assistente em administração do IFRS. E-mail: caroline.poletto@bento.ifrs.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3940141913807420>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3273-4784>

Keywords: Lúçifer newspaper. Anti-clericalism. Anti-clerical imagery.

Breve introdução ao anticlericalismo brasileiro e gaúcho²

Antes de apresentarmos, de maneira direta, o gracioso jornal anticlerical Lúçifer, é importante pontuar, mesmo que resumidamente, o contexto brasileiro frente ao movimento anticlerical, bem como conceituar o próprio anticlericalismo. Para Fernando Cartoga (1988, p.211), o anticlericalismo pode ser entendido como um conceito guarda-chuva, amplo e complexo que englobaria tanto o antijesuitismo, o anticongreganismo e o anticlericalismo propriamente dito, como expressão de um pensamento antirreligioso, do militantismo laicista, presente desde as últimas décadas do século XIX e se estendendo até primeiras décadas do século XX. O caráter antijesuítico citado por Cartoga aparecerá diversas vezes no periódico anticlerical gaúcho *Lúçifer*, tendo em vista a presença dos jesuítas no sul do Brasil desde meados do século XIX, após o processo imigratório europeu para essa região. Alguns autores denominam essa influência religiosa jesuítica no sul do Brasil de “nova igreja”, a qual:

[...] caracterizou-se também pelo seu envolvimento na vida do povo, pela promoção da educação e o bem-estar material, como pressupostos para uma vida espiritual saudável. Em grande medida, a presença de jesuítas em regiões de colonização alemãs foi mais intensa que a de outras ordens, devido ao fato de o Rio Grande do Sul ter sido a Província dos Missionários alemães no Brasil. [...] Os jesuítas estavam ocupando espaços importantes na catequização e na realidade da vida social dos imigrantes. (SALADINO; SERRES, 2016 p. 59)

Importante ressaltar que, exatamente pelo seu caráter amplo e complexo, o anticlericalismo (incluindo o antijesuitismo), entendido aqui como um movimento que condena a influência dominante de instituições religiosas, especialmente do clero

² Algumas partes deste artigo são oriundas da tese de Doutorado intitulada “A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)” e proveniente do projeto institucional do IFRS cadastrado no Edital 02/2017, sob o número de protocolo 256898.1386.194823.18012017.

católico sobre os fatores políticos e sociais da vida pública, esteve presente em diversos programas políticos, não sendo, portanto, exclusividade dos movimentos populares de esquerda e nem dos anarquistas; pelo contrário, foi também amplamente propagado por livres-pensadores, positivistas, cientificistas, republicanos e racionalistas. Dessa maneira, o anticlericalismo, além de ser um ponto de união entre correntes distintas, também gerou espaços de sociabilidade compartilhados entre federalistas, republicanos, cientificistas, radicais, socialistas, anarquistas (teatros, cafés, manifestações de rua, reuniões, congressos).

Entretanto, apesar do caráter amplo do anticlericalismo brasileiro, os estudos sobre ele ainda são escassos e difusos. Nesse sentido, o historiador Antonio Cleber Rudy (2017, p. 12), ao se referir sobre a historiografia brasileira, pontua que: “[...] as campanhas anticlericais foram vistas, pela historiografia brasileira, como tema menor, como denotam os pouquíssimos estudos de caso. Inclusive, em obras de referência sobre o movimento operário brasileiro, o anticlericalismo foi tratado como um fenômeno opaco”.

No Brasil, com a ocorrência da separação entre Igreja e Estado logo após a Proclamação da República, em meados de 1891, o anticlericalismo se estendeu a um público mais abrangente (incluindo também uma parte considerável da elite nacional que passou a ser contagiada pelos ideais liberais e de modernidade que estavam em ascensão)³. No Brasil, portanto, a presença do anticlericalismo, principalmente (mas não exclusivamente) após a separação oficial entre Igreja e Estado, é observada entre a própria elite nacional, uma vez que:

[...] o racionalismo da Ilustração teve forte penetração em nossa elite (inclusive no imperador), parte da qual fora beber na própria Europa. O anticlericalismo dos dirigentes brasileiros foi fato notório até mesmo porque o baixo nível intelectual dos nossos padres e uma religião toda exterior, afeita mais às pompas do rito e às repercussões sensíveis da fé – misturada a credências -, não seriam de molde a impressioná-los. Roque Spencer Maciel de Barros deu à Geração 70 o epíteto de “a Ilustração

³ Sobre a atuação da Igreja católica no Brasil e na Argentina ver: Esquivel (2003).

brasileira”. Sob a égide do cientificismo, a *intelligentsia* nacional quis valer-se da razão como guia único e seguro da reconstrução do Estado e da sociedade pátrios, deles expurgando a tradição de hierarquias fundadas sobre o privilégio e a caduca união trono-altar, para fundá-los sobre a ciência, a propulsora eficaz do processo. (MELLO, 2007, p.94-95)

Embora tendo adeptos dentro da própria elite brasileira, foi o movimento anarquista quem desempenhou um papel mais ativo nessa luta contra a influência clerical. Para os libertários, era preciso ir mais além do que a simples separação entre Igreja e Estado, era necessário minimizar cada vez mais o poderio da Igreja perante a sociedade. Sendo assim, os anarquistas fundam, em 1909, no Rio de Janeiro, a Liga Anticlerical⁴, procurando organizar de maneira mais efetiva as investidas e ações anticlericais. Dentre essas ações, as ofensivas pela extinção da influência religiosa nas escolas e pela implantação de um ensino totalmente laico merecem destaque.

Não diferentemente do que aconteceu no resto do mundo, no Brasil o anticlericalismo vai ser amplamente difundido através da imprensa e criará um imaginário próprio e um conjunto de mártires e heróis que levantaram bravamente a pauta anticlerical e foram duramente reprimidos pelas forças conservadoras. É sobre essa imprensa e imaginário profano que esse artigo irá se debruçar ao apresentar o periódico anticlerical *Lúcifer*.

O periódico anticlerical *Lúcifer*

O periódico *Lúcifer*⁵ aparece na capital gaúcha em meados de 1907 e perdura até 1911 (estando em circulação no mesmo período do jornal anarquista gaúcho *A Luta*). A

⁴ A Liga Anticlerical foi fundada em resposta ao assassinato do educador libertário Francisco Ferrer pelo governo espanhol. Além de anarquistas, a Liga também contava com muitos maçons, os quais eram participantes ativos do movimento anticlerical brasileiro. Entre os membros da Liga Anticlerical encontram-se Benjamin Motta, Everaldo Dias e José Oiticica.

⁵ Jornal *Lúcifer* (1907-1911) – Porto Alegre. Seus exemplares se encontram no Museu de Comunicação Hipólito José de Costa, Porto Alegre, Brasil: exemplares dos anos de 1907-1911; formato: original; coleção incompleta.

publicação anticlerical contará com colaboradores que também atuavam no *A Luta*⁶. Alguns autores classificam o periódico *Lúcifer* também como libertário. No entanto, acredita-se que tal rotulação seja precipitada, uma vez que a essência principal encontrada no periódico é o anticlericalismo e, embora apareçam alguns textos criticando o capitalismo e a autoridade estatal, eles não aparecem de maneira constante e nem majoritária; estando, portanto, em segundo plano no periódico. Além disso, em nenhum momento o periódico afirma seu caráter libertário. O que existe, sem sombra de dúvida, é uma simpatia e uma relação de proximidade com os anarquistas; no entanto, isso não basta para rotular o próprio diário como anárquico. Contrariando esse raciocínio, Marçal (2004, p.107) apresenta a seguinte definição do periódico *Lúcifer*: “*revista mensal, anticlerical, ilustrada. Anarquista*”.

Talvez tal dificuldade de definição do periódico *Lúcifer* aconteça devido à presença do renomado anarquista Gomes Ferro na redação do mesmo, de forma que muitas vezes se define apressadamente o periódico de acordo com a posição política de seus colaboradores. Outro elemento complicador para a definição da linha ideológica do *Lúcifer*, a qual na maioria das vezes é divulgada no primeiro editorial do jornal, diz respeito à impossibilidade de acesso ao exemplar de fundação do *Lúcifer*, ou seja, o exemplar número um. Para a presente pesquisa foram analisados seis exemplares de um total de nove existentes⁷.

A relação de simpatia com o anarquismo, para além da presença de Gomes Ferro, é constatada através da publicação de alguns textos de autoria de anarquistas clássicos como Kropotkin nas páginas do *Lúcifer*, e pelo fato de que o periódico anarquista *A Luta* era um dos jornais recebidos pela redação do *Lúcifer* (28 de novembro de 1907, nº04, p.7): “*Estão sob nossa mesa de trabalho [...] A Luta, periódico libertário d’ esta capital. O folheto: A peste religiosa em português por J. Most que os colegas da ‘Luta’ tiveram a cortesia*

⁶ Dentre esses mesmos colaboradores, pode-se citar Gomes Ferro, pseudônimo de Henrique Gomes Ferreira. Médico, jornalista e teórico anarquista. Foi um dos escritores de *Pau Bate* (1905), *A Luta* (1906) e *Lúcifer* (1907). Também lecionou na escola libertária Eliseu Reclus. Informações adicionais a respeito de Gomes Ferro podem ser encontradas em MARÇAL, 1995.

⁷ Não se teve acesso aos exemplares referentes aos números 1, 6 e 7.

de nos enviar”. No entanto, tais constatações não transformam o periódico anticlerical em anarquista, apenas indicam a existência de uma espécie de “simpatia” ou “proximidade” para com esses últimos. Tal simpatia também é apontada por Jardim, bem como a importância do jornal *Lúcifer* na capital e a denúncia da falta de estudos sobre a imprensa anticlerical gaúcha.

[...] caberia destacar os órgãos anticlericais que também proliferaram no estado no início deste século. Estes estavam mais próximos do anarquismo e possivelmente dele tenham sofrido influências. [...] Esta imprensa anticlerical ainda está por ser estudada, pelo menos a nível de Rio Grande do Sul, apesar das dificuldades inevitáveis de documentação a respeito, especialmente pela não preservação da maioria de seus exemplares. Um dos principais jornais anticlericais do estado parece ter sido **Lúcifer**, surgido em Porto Alegre em 1º de setembro de 1907, “Órgão dos livres pensadores” redigido por Francisco Carmelo Longo simpático às ideias libertárias. (JARDIM, 1990, p. 131-132)

O redator responsável pelo *Lúcifer* era Franco Carmelo Longo e o administrador era Antonio Ghirotti (informações trazidas na capa do jornal). A forma econômica de manutenção do periódico se dava através de assinaturas e da venda de exemplares avulsos. O periódico *Lúcifer* tencionava ser mensal, no entanto, apenas nos quatro primeiros exemplares segue-se esse padrão, verificando-se intervalos de tempo bem maiores nos exemplares posteriores. O periódico continha oito páginas e inúmeros desenhos, de forma que o apelo visual era fortemente utilizado na publicação anticlerical. Tal apelo nota-se já na apresentação do nome do periódico, o qual apresenta um design rebuscado, contando com um ente diabólico ostentando chifres pontiagudos e erguendo uma tocha em chamas que faz correr os entes clericais, conforme mostra a figura 1. Nos exemplares pesquisados, verifica-se a presença de grandes ilustrações na primeira e na última página do jornal (ilustrações que ocupavam quase a totalidade da página). Os textos do periódico espalhavam-se seguindo a diagramação de três colunas verticais e mesclavam-se hora ou outra com ilustrações e poesias que ganhavam destaque no jornal.

Figura 1 - Apresentação do título do jornal



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº 3 p.1

Figura 2 - Apresentação do Jornal *Lúcifer* (capa)



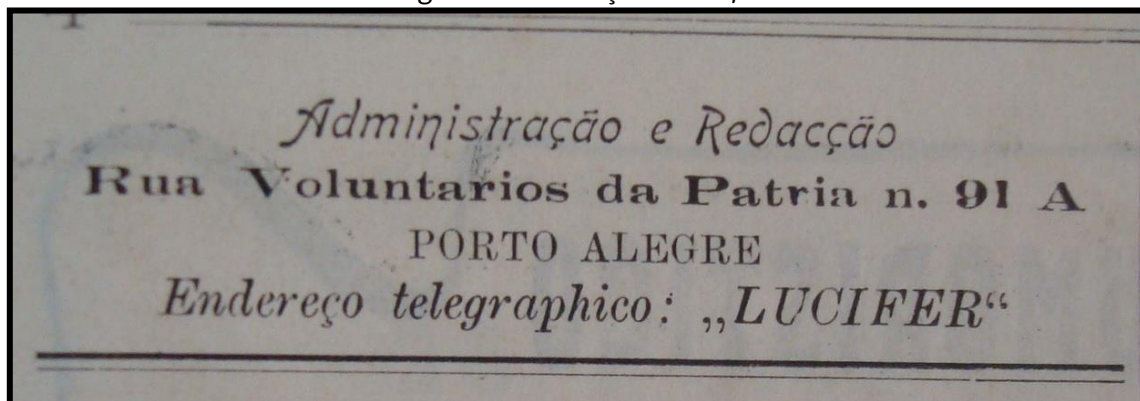
Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº 3 p.1.

Pelo fato de o conteúdo principal do *Lúcifer* – o anticlericalismo – ser propagado por diversos programas políticos e, portanto, não exclusivo do anarquismo, o periódico não sofreu a repressão que periódicos anarquistas sofreram. O que se constata é certa repressão por parte dos próprios católicos, uma espécie de rejeição ao periódico, mas não uma repressão policial ou estatal. No exemplar de número 2 aparece uma forte crítica referente à atitude de um católico para com a publicação anticlerical. Eis a crítica:

Um Velhaco

Consta à nossa reportagem que no dia da saída do nosso primeiro número, na Estação da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Novo Hamburgo, um indivíduo arrancou das mãos de um menino todos os exemplares do periódico, que oferecia à venda, rasgando-os sem indenizá-los. A um cidadão que fez ver a este herói da sacristia, que o menino era pobre e devia dar conta dos jornais, respondeu: “Sinto que não tenha mais, para inutilizá-los! Este é um jornal maldito!...que quer combater a nossa religião. Ai de mim! Se minha mulher lesse um desses jornais...poderia perder a fé, poderia ficar doida!” Nós não queremos contestar a este tipo o direito de não comprar, de não ler, e de não introduzir na sua casa *Lúcifer*. Mas lhe reprovaremos a prepotência por ter roubado – *a um menino* – os jornais, e contestamos o direito de rasgá-los ultrajosamente, em público. [...] O procedimento de quem rouba e usa da força para cometer *abusos e prepotências contra um menino* é de *ladrão* é de *patife!* (*Lúcifer*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº02, p.3)

Outro diferencial quanto às publicações anarquistas é o fato de que não há mudança de endereço e nem destruição da sede do *Lúcifer*. A redação do periódico durante os cinco anos de circulação do diário localizou-se na Rua Voluntários da Pátria, número 91A, conforme imagem abaixo, que contém a localização do periódico.

Figura 3: Endereço do *Lúcifer*

Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, 20 de abril de 1911, nº9 p.04

Porém, similarmente às publicações libertárias, o jornal apresentava uma seção que procurava vincular-se ao movimento anticlerical internacional denominada de “*Pelo Mundo*” em que se denunciavam os abusos clericais ocorridos em outras localidades e países. Na seção intitulada “*Pelo Telefone*”, que era assinada sob o pseudônimo “*Satanaz*”, aparece a lista dos periódicos recebidos pela redação do *Lúcifer*, verificando-se, assim como no caso dos periódicos libertários, que havia um intercâmbio expressivo entre as próprias publicações anticlericais, bem como com publicações “simpáticas” ao *Lúcifer*, como por exemplo, as publicações de cunho libertário.

Entre as publicações recebidas pela redação do *Lúcifer* encontram-se outras da capital e do estado gaúcho, bem como de outros estados brasileiros e até mesmo internacionais. Entre as internacionais pode-se citar *Le Loir* de Bruxelas, *Tribuna Illustrada* de Roma, *L'Asino* da Itália, *Germinal* de Portugal e *El Progreso* do Uruguai. Além dessas, encontram-se as publicações nacionais como *O Exemplo*⁸, *O Liberal Espanhol*, *A Eternidade*, além das anticlericais *A Lanterna* e *A Verdade* e as anarquistas *La Battaglia*, *A Terra Livre* e *A Luta*.

Como já mencionado acima, outro fator presente no periódico *Lúcifer* era a utilização de pseudônimos. Tal possibilidade é ressaltada no exemplar de número 2, o

⁸ Primeiro jornal da comunidade negra rio-grandense; circulou entre os anos de 1892 e 1930.

qual solicita a colaboração dos leitores tanto da capital, quanto do interior (indicativo de que o jornal circulava para além da capital gaúcha) para denunciar os abusos clericais:

Convencidos que para combater o mal é necessário apresentá-lo em toda a sua fealdade, rogamos os livres pensadores da cidade e do interior de recolher os feitos dos malvados, leigos ou eclesiásticos, e enviá-los à nossa redação para denunciá-los ao tribunal da pública opinião. Porém, julgamos útil lembrar que toda correspondência inerente à índole do *Lúcifer* será publicada debaixo da responsabilidade do correspondente, cuja firma deve ser legalizada por notário. Nenhum valor se dará aos anônimos. Não obstante, se o informante quer guardar o incógnito, tem que avisar-nos, que publicaremos, ou com pseudônimo por ele escolhido, ou sem nome. (*Lúcifer*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1907, nº2 p.7)

O imaginário anticlerical do *Lúcifer*: chistes, imagens e contos

Quanto ao conteúdo, o jornal é repleto de piadas, contos curtos, poesias e caricaturas, utilizando o humor e o deboche como forma de denúncia e como estratégia para conquistar os leitores. Há, inclusive, uma seção do periódico, chamada de “*Lúcifer* humorístico” dedicada exclusivamente às piadas e chistes. Usualmente, os chistes faziam uma crítica moral ao comportamento dos clérigos, ora vinculando-os ao roubo, à usura, à cobiça, à avaréza, aos abusos sexuais, ao apetite exacerbado, ao alcoolismo, entre outros. As piadas abaixo exemplificam a utilização dessas críticas morais:

O vigário Tres Estrellas, grande consumidor de cognac, para evitar que sua criada Perpetua o bebesse, escreveu na garrafa “Veneno”!

Um dia encontra-a com a boca na botija:

- Não sabes ler, desgraçada, não vês que bebes veneno?
- Sim, snr. Vigário, mas eu não podia resistir a ideia de ter que sobreviver a V.S^a. (*Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.6)

Uma queixa ao bispo

- Padre, por que roubaste esta carteira?
- Sr. Bispo, estava embriagado, não sabia o que estava fazendo.
- Mas porque, no dia seguinte, passados os vapores do vinho, não a restituíste?

- Ai de mim, sr. Bispo: tornei a beber....para esquecer a má ação da noite anterior.
(*Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.6)

No Tribunal

- O vosso nome?
- Padre José Mercadante Torres.
- Foi alguma vez condenado?
- Não senhor: saí sempre ileso. (*Lúcifer*, Porto Alegre 20 de abril de 1911, nº9 p.03)

Nas imagens veiculadas no *Lúcifer* também apareciam com frequência essas críticas morais visualizadas nos chistes acima. De forma que os vícios do clero são tornados risíveis na caricatura baixo, intitulada “Os sete pecados mortaes”, e que aparece estampada no *Lúcifer* em 1907, sendo originária do periódico anticlerical italiano *L'Asino*. A imagem estampa o rosto de um padre que é constituído no seu interior por todos os vícios presentes na índole papal (de acordo com a visão do *Lúcifer*): corpos desnudos representando a luxúria, um homem se espreguiçando indicando a preguiça, pessoas se alimentando de forma exagerada, apresentando corpos gorduchos, aludindo à gula, outro homem segurando vários sacos de dinheiro representando a avareza, entre outros. E a legenda que acompanha a imagem traduz em palavras a composição imagética: “avareza, ira, soberba, gula, preguiça, inveja, luxúria: todos sete formam UM PADRE (*L'Asino*, Roma)”.

Figura 4: Os sete pecados mortaes



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.04

A ridicularização dos dogmas católicos e da própria crença religiosa em si, sendo esta desprovida de racionalidade, é uma das principais armas utilizadas pela imprensa anticlerical, arma esta que ganha força com a difusão tanto do cientificismo como do racionalismo no final do século XIX e no transcorrer do século XX, concedendo comicidade às crendices dos católicos e ao caráter antiprogressista da religião. Sobre esse caráter antiprogressista, Mello disserta que:

O realismo monista rechaça qualquer concepção idealista do mundo porque esta só o conhece através do sentimento e da revelação. Contra ela, opõe o método da ciência positiva e tem a Igreja como inimiga da civilização, ridicularizando seus dogmas e instituições. O cristianismo, assim, deveria ser substituído pelo culto à ciência, que, deixada livre, seria a grande indutora do progresso. (MELLO, 2007, p.98)

Sendo assim, alguns textos de caráter mais filosófico, algumas poesias, imagens e contos veiculados no *Lúcifer* apresentarão um posicionamento crítico quanto às religiões, as tratando como algo inútil e inimiga do progresso, como um gasto de energia desnecessário e que em nada melhoraria as práticas cotidianas e as relações entre os indivíduos.

Figura 5: Lentidão eclesiástica



*A Igreja não pôde acompanhar o progresso, porém
continúa a andar . . . contra a natureza.
(da Roma).*

Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, 12 de outubro de 1907, nº3 p.03

Na figura acima, o clero é representado através de um caracol que ostenta a coroa papal e caminha lentamente, enquanto o progresso é representado pela alegoria de um homem segurando uma tocha que caminha à passos largos. A legenda reforça a impossibilidade de a Igreja acompanhar o ritmo acelerado do progresso. No mesmo sentido, o conto abaixo critica a crença religiosa:

Um padre missionário viajando num transatlântico em procura de povos simples para barbarizar-lhe a consciência, travou conversa com um marinheiro, e perguntou se sabia rezar. À resposta negativa, ele observou:

- Tendes perdido $\frac{1}{4}$ de vossa vida! Mas alguma vez chegaste ao tribunal da penitência para confessar os vossos pecados?

Nova resposta negativa.

- Então, replicou o padre, tens perdido $\frac{2}{4}$ de vossa vida! Mas afinal, sois ou não sois católico?

Mais uma vez responde o marinheiro que não.

- Pois bem! Berra o padre, tens perdido $\frac{3}{4}$ de vossa vida!

Daí a pouco desencadeia medonho temporal. O mar confunde-se com o céu grisalho: serpeiam os raios, branindo os trovões! ...

- Misericórdia! Brada o padre terrorizado!...

O marinheiro aprontando-se para se atirar ao mar, perguntou:

- Sabeis nadar?

- Não! Exclamou o padre desolado!

- Então, tendes perdido toda a vossa vida! (*Lúcifer*, 20 de setembro de 1909, nº8, p.4.)

O breve conto apresenta um enredo que aponta para a falta de utilidade prática da religião, uma vez que o que pode salvar o indivíduo, na verdade, é a ação concreta e não a crença “ilusória” num ser superior. A construção literária acima faz uso tanto do humor, do deboche quanto de diálogos curtos para transmitir seu posicionamento negativo quanto à religião e apresenta um número reduzido de personagens (apenas dois). Durante toda a leitura do conto, o autor pretende atizar e manter ativa a curiosidade do leitor, o qual deve interessar-se por saber o desfecho da história. É a tal da “unidade de efeito” de que fala Edgar Allan Poe:

[...] em quase todas as classes de composição, a unidade de efeito ou impressão é um ponto da maior importância. A composição literária causa, pois, um efeito, um estado de excitação ou de exaltação da alma. E como todas as excitações intensas, elas são necessariamente

transitórias. Logo, é preciso *dosar* a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto for longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficará diluído. Torna-se imprescindível, então, a leitura *de uma só assentada*, para se conseguir essa unidade de efeito. (POE *Apud* GOTLIB, 1988, p. 32)

E é exatamente no desfecho do conto que a reviravolta acontece, ou seja, é o momento em que o marinheiro demonstra, de maneira prática, que quem perderia a vida seria o padre, por não saber nadar, e não ele, pelo fato de não ser crente a Deus. Tal desfecho confere comicidade ao quadro, uma vez que acontece exatamente o contrário do que vem sendo afirmado pelo padre, ou seja, o marinheiro, antes de perder parte da sua vida, a mantém intacta até o fechamento da história. Skinner constata, no seu estudo sobre o riso, que alguns autores tratam a mudança repentina como causadora do riso: “[...] *outra situação em que, às vezes, o riso pode surgir é quando experimentamos uma mudança repentina em nossas expectativas, seja na forma de uma justaposição surpreendente ou de algum outro tipo de incongruência*” (SKINNER, 2002, p.45).

Outro recurso bastante utilizado nas páginas do *Lúcifer* é a chamada animalização, de forma que sua presença se verificará tanto na literatura, quanto nas imagens veiculadas. É importante salientar que, no conjunto aqui estudado, a animalização ocorre nos seguintes formatos: vinculando-se ao deboche e à comicidade para, assim, ridicularizar o inimigo, no caso, os clérigos, fazendo analogias aos símios, porcos, patos, burros ou seres híbridos; ou, aproximando-se da chamada “estética do feio” ou “estética infernal”, conferindo caráter monstruoso e horripilante ao inimigo, apresentando-o como um animal perigoso e peçonhento; neste caso, utilizam-se preferencialmente serpentes, corvos, abutres, morcegos, hidras com diversas cabeças, polvos, aranhas, baratas e outros insetos pavorosos.

O poema abaixo, embora não apresente uma analogia direta entre o padre e um animal específico, acaba por vinculá-lo a um ser estranho, híbrido, que poderia vir a “dar à luz” a um outro ser e, desta forma, a animalização acaba se concretizando, uma vez que o absurdo da narrativa leva ao desumano.

O parto do padre

Certo dia o padre Morrão sentiu dores
E na barriga grande movimento,
E, julgando-se mãe nesse momento,
Foi à porta bater de dois doutores.

- Acuda-me – disse ele – caros senhores,
Que eu já sinto o puerpério. O seu tormento
Será mesmo o que eu sinto, ou será vento
Que me agita os internos corredores?

- Vá deitar-se – disse um – naquela cama,
Pois que, sendo o que sofre inexplicável,
Sério exame, senhor, de nós reclama.

Mas, oh! Caso irrisório e memorável!
Pois apenas deitou-se, corre a fama,
Deu à luz um fedor insuportável.

Burrico

(*Lúcifer*, 20 de setembro de 1907, nº2 p.3)

O poema, cuja autoria remete ao sugestivo pseudônimo “Burrico”, intitulado “O parto do padre” apresenta um padre em apuros que acredita estar dando à luz a um novo ser. Diante deste quadro doloroso, o padre vai em busca de auxílio e, ao deitar-se no cômodo indicado, acaba realmente dando à luz, porém não a um ser, mas a um “*fedor insuportável*”. O poema ridiculariza o padre ao extremo pois este é tão isento de inteligência – como um animal – ao ponto de acreditar na possibilidade de estar gerando um filho (ignorando conhecimentos básicos da ciência biológica), quando, na realidade, tudo o que tem são gases e, possivelmente, excrementos. De acordo com Tillier “*as situações escatológicas de caráter íntimo nas quais os personagens visados são desnudados, se tornam cômicas a partir do momento em que são expostas publicamente*” (TILLIER Apud PEIXOTO, 2016, p.340).

Além do riso suscitado exatamente pelo absurdo do narrado, o poema apresenta ainda uma linguagem simples, isenta de complicações discursivas; refletindo a simplicidade que marca parte da estética anticlerical. Através do que aqui está sendo denominado de animalização, é possível perceber a utilização do cômico, do riso como tática de guerra na ofensiva anticlerical. E, nesta batalha de gladiadores entre clérigos e

anticlericais, entre fé e livre-pensamento, este último leva uma imensa vantagem já que, para a Igreja, o riso é diabólico, o que a impossibilita de responder à essa agressão verbal/visual cômica na mesma moeda. Sobre o riso, um abade do século XIX afirma que: “[...] o riso nunca dá à fisionomia uma expressão de simpatia e bem-estar; ao contrário, congestiona o rosto mais harmonioso, apaga a beleza. É uma das imagens do mal, não que o exprima diretamente, mas indica a sua morada” (LAMENNAIS Apud MINOIS, 2003, p.500). Assim, anticlericais e livres-pensadores não pouparão sarcasmos e farão do riso uma das principais munições empregadas nesta árdua batalha entre o sagrado e o profano. A utilização do riso como arma é reconhecida desde a Renascença:

Se, como particularmente argumentava Quintiliano no seu *Institutio Oratoria*, podemos ser bem-sucedidos ao fazer com que nossos adversários dialéticos pareçam ridículos, provocando o riso contra eles, então podemos esperar arruinar sua causa e persuadir nossa audiência a tomar partido por nosso lado (SKINNER, 2002, p. 9-10).

De acordo com Santos “a caricatura foi adotada durante toda a história da Igreja como excelente instrumento de oposição ao clero que, além de ridicularizar, por meio do grotesco, a religião, [...] opunha-se à intervenção exacerbada do braço clerical na seara política” (2014, p.61). A imagem abaixo exemplifica essa utilização da ridicularização e, conseqüentemente, do riso enquanto munição.

Figura 6 - Darwinismo



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, nº4, 28/11/1907 p.04

A imagem acima foi circulou em Porto Alegre no final de 1907, sendo oriunda do periódico anticlerical francês *Les Corbeaux*, evidenciando que o *Lúcifer* fazia parte de uma rede de intercâmbio de imagens transnacional, sendo essa repetição das mesmas imagens em diversos jornais um importante fator para a construção e manutenção de um imaginário anticlerical. Embora nada inovadora, já que a utilização de macacos em caricaturas data, segundo Herman Lima, ainda do século XVI, sendo esse século marcado pelo início do reinado dos animais como instrumento de sátira: “[...] *é a hora de Singeries, curiosa coleção de pranchas mostrando os macacos em diversas funções humanas, bebendo, banqueteadando-se, entregues à alegria de Kermesse. Essa escolha explica-se pelo mimetismo dos símios*”(LIMA, 1963, p.50).

Nesse sentido é nítido o esforço do autor da imagem em desumanizar comicamente a figura clerical, retratando de maneira análoga o traseiro do macaco e a cabeça calva dos padres, de maneira que ambos se assemelham e se confundem, de forma que, ao entrar em contato com a imagem, seja difícil conter o riso. Sobre essa redução à animalidade, Girardet informa que “[...] *o personagem acaba por ser total e realmente identificado com a máscara, com figura de animal que lhe foi simbolicamente atribuída*” (1987, p. 44).

Percebe-se na representação a utilização da lógica das coisas ao avesso – de que tanto discorre Bakhtin – ou seja, não é o olhar que encontra o olhar, mas o olhar do clérigo que encontra o traseiro do macaco. Possivelmente essa linguagem e visualidade chula e debochada devia ser bem recebida nos espaços de sociabilidade populares, como bares e barbearias. O vocabulário de mercado, ou de praça pública (como se refere Bakhtin) é um eficiente propagador de denúncias e tem uma difusão acelerada⁹.

Entretanto, a imagem, além de empregar um tom irônico e cômico inegável ao ridicularizar a figura do padre concedendo-lhe a paternidade do macaco, ainda toca

⁹ Sobre o vocabulário de praça pública, ver: BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

numa questão bastante sensível da Igreja Católica - a crença no criacionismo¹⁰ e a negação da doutrina de Darwin - a qual estabelece a ocorrência da seleção natural no processo da evolução humana, admitindo a evolução do homem a partir do reino animal e não através de intervenções divinas; por isso o título da imagem (na Figura 6) é Darwinismo e a alusão aos macacos serve para ridicularizar tanto a figura dos padres quanto a crença no criacionismo. É mais um exemplo do embate entre razão (ciência) e fé.

Como legenda aparece um diálogo, ou melhor, apenas uma pergunta burlesca do macaco direcionada aos padres: “- *Perdão, reverendo: sois verdadeiramente vós que negais minha paternidade?*”, ampliando ainda mais o humor transmitido pela imagem. Importante destacar também a posição central que ocupa o símio na composição imagética, uma vez que é ele quem está realizando a junção entre os dois padres (segurando cada um com uma das mãos) e, ao mesmo tempo, está em posição de fala, controlando a ação na cena. Abaixo da imagem, o jornal *Lúcifer* ainda apresenta um breve conto que também se vincula ao exibido na iconografia:

- Don Basílio! O traseiro deste animal é semelhamtíssimo á vossa cabeça.
- E também a mim, don João, olhando-o na cara parece-me muito semelhante a vós.

- Nós temos inculcado a fábula de Adão e do paraíso terrestre... quem sabe que não tenha razão Darwin que nos faz descender por um irracional.

SATANAZ - Esta é uma teoria muito atendível enquanto refere-se a vos, especialmente, porque além que no físico - ele - assemelha-se a vós muito no instinto erótico e imitativo. Só há esta diferença, que ele queira imitar tudo; vós só imitais o mal. Ele não inculca a mentira, e vós usai da palavra para mentir e levantar forcas, fogueiras e todos os instrumentos de tortura para fazê-la triunfar. Ele vive das frutas da floresta: vós viveis dos frutos...do trabalho dos outros. Finalmente, a cosmogonia bíblica parece ter feito o seu tempo e que, agora, já a humanidade deveria, aos vossos altares que consagram a *fé* e a *tiranía* substituir a **razão** e a **liberdade**. Ao vosso *púlpito* e a vossa *escola*: a **tribuna livre** e a **escola racionalista**. À vossa *gênesis*: a **ciência**, filha da deusa **Razão**, sublime

¹⁰ O criacionismo é uma concepção que recusa a teoria de Darwin acerca da evolução das espécies e propõe em seu lugar uma interpretação praticamente literal da Bíblia, tomando como base o livro do Gênesis: lá afirma-se que foi Deus quem criou inicialmente o mundo e logo depois também o homem, "à sua imagem e semelhança".

investigatriz da origem da vida e da matéria. SATANAZ (*Lúcifer*, 28 de novembro de 1907, nº4, p.04)

O breve conto reforça e amplia a crítica já realizada pela imagem, através do diálogo entre os dois padres e a posterior intromissão de *Satanaz*, de forma que, antes de estarem em atrito, os elementos textuais reforçam os visuais e vice-versa, com a única diferença de que, enquanto a imagem destaca apenas um aspecto negativo do clero através da debochada analogia com o símio: o seu atraso e obscurantismo provocado pela crença no criacionismo; o conto, por sua vez, amplia essa crítica atacando também a exploração clerical (já que este grupo vive do trabalho alheio), a tortura empregada em nome do salvador, bem como os entraves colocados pela igreja no que concerne ao desenvolvimento da escola racionalista, a única, na opinião do autor da narrativa, baseada na verdade e na razão. Assim, o conto não apenas reforça o traçado do caricaturista, mas também estende seu significado. Talvez os editores do jornal *Lúcifer* não estivessem tão seguros quanto ao entendimento direto da imagem pelo público receptor, provavelmente pela mesma fazer alusão ao Darwinismo e, sendo assim, optaram por explicá-la no conto que a circunda. Porém, para o público familiarizado com a teoria da evolução, a imagem é autoexplicativa e independente do complemento textual.

Figura 7 - A hydra clerical



Fonte: *Lúcifer*, Porto Alegre, nº2, 20/09/1907 p.1

Já na figura acima, visualizada na capa do periódico *Lúcifer* no ano de 1907, o clero é representado através de um monstro horripilante, uma serpente de múltiplas cabeças, que o periódico *Lúcifer* denominou de “*A Hydra Clerical*”; monstro esse que transmite a noção de perigo em uma possível aproximação, uma vez que os monstros são alegorias para problemas políticos e sociais e são representados através do horripilante, do feio, do extraordinário. Tais elementos, justamente pela sua anormalidade, podem causar um efeito de curiosidade nos leitores e os atraírem para o periódico; de forma que os aspectos imagéticos são, também eles, estratégias empregadas nas construções dos relatos.

Os periódicos, através de imagens horripilantes, pretendem confrontar-se com aquilo que os inquieta. E a inquietude transposta na seguinte caricatura é relacionada à influência (má influência, segundo a concepção tanto racionalista, como libertária) do clero entre os trabalhadores. A mãe retratada na caricatura está segurando seus filhos e os advertindo sobre o perigoso monstro clerical, o qual apresentava várias cabeças com representantes do clero nas ramificações de sua cauda. Além de alertar para os perigos que o clero representava, a caricatura também tinha uma função pedagógica no sentido de educar as mães (principal porta de entrada da influência religiosa na família) para se afastarem da religião.

Ao dar visibilidade à figura feminina, a representação acima esforça-se por redefinir certos papéis estabelecidos no emaranhado social da época. A mulher, até então considerada ingênua e facilmente controlável, precisa urgentemente ocupar uma posição mais ativa e independente na sociedade, desvinculada da influência religiosa.

Considerações Finais

Ao finalizar esse breve artigo, é possível adentrar (mesmo que de forma suscinta) no imaginário anticlerical que estava em circulação nas primeiras décadas do século XX na cidade gaúcha de Porto Alegre, veiculado pelas páginas do jornal *Lúcifer*. Além disso,

o jornal anticlerical *Lúcifer* apresenta uma existência efêmera e conta com poucos exemplares para análise e, exatamente por isso, dificilmente será contemplado em um estudo exclusivo. Sendo assim, esse trabalho também pretendeu divulgar e conservar (e quem sabe eternizar) a existência desse “breve” jornal, o qual também se emaranhava e se difundia por uma rede de intercâmbio existente entre as publicações de cunho anticlerical e também entre algumas publicações simpáticas ao anarquismo.

Outra verificação percebida através do estudo concomitante entre imagens, chistes, poesias e contos visualizados no *Lúcifer* diz respeito à permanência, repetição e reforço das mesmas ideias-imagens nesses diferentes tipos de artefatos culturais (imagens, poesias e contos), porém, através de formas distintas de comunicar: enquanto as imagens usualmente se restringiam em destacar um único elemento ou um número reduzido de aspectos, realizando uma crítica mais focada e direcionada, os chistes, contos e poesias ampliavam essa crítica e atacavam em diferentes frentes, apresentando diversas ideias-imagens na sua narrativa. Porém, essa diferenciação na forma de comunicar não anula o caráter complementar das imagens, chistes, poesias e contos na constituição do imaginário anticlerical, uma vez que ambas se reforçam continuamente e mutuamente, fazendo uso do horripilante, do burlesco, do grotesco e da sátira para ridicularizar o inimigo em questão: os entes clericais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

CARTOGA, Fernando. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). In: **Análise Social**. Vol. XXIV, n. 100, p. 211-273, 1988.

ESQUIVEL, Juan Cruz. Igreja católica e Estado na Argentina e Brasil: notas introdutórias para uma análise comparativa. **Revista Ciências Sociais e Religião**, ano 5, nº 5. Porto Alegre, outubro de 2003, p. 191-222.

GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOTLIB, Natália Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1988.

JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: A imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Dissertação de Mestrado (PUC-RS). Porto Alegre, 1990.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Vol.1. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade editorial, 1995.

MARÇAL, João Batista. **A Imprensa Operária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2004.

MELLO, Maria Tereza Charles de. **A República Consentida**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

PEIXOTO, Maitê. **IDENTIDADES FIGURADAS NA CULTURA DO TRABALHO: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária e sindical no Brasil (1910-1935)**. Tese de Doutorado (PUC-RS). Porto Alegre, 2016.

POLETTO, Caroline. **A imaginação subversiva ao redor do mundo: Imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)**. Tese (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

RUDY, Antonio C. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. 2017. 310 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SALATINO, Alba Cristina Couto dos Santos; SERRES, Helenise Soares. Sinais do tempo. Experiências antijesuíticas nas primeiras décadas do século XX, no Rio Grande do Sul e na Bahia (Brasil). **IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica**, v. 4, p. 51-67, 2016.

SANTOS, Cristian. **Devotos e Devassos: representação dos padres e beatas na literatura anticlerical brasileira**. São Paulo: Edusp, 2014.

SKINNER, Quentin. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

Recebido em maio de 2023
Aceito em novembro de 2023